

Para Grupo dos Oito, problema continua

Cancun, México — Ministros da Fazenda e presidentes de Bancos Centrais do Grupo dos Oito encerraram ontem à tarde, mais uma de suas reuniões periódicas na qual chegaram a uma conclusão unânime: o Plano Brady, que propicia a redução de parte da dívida externa, foi um passo positivo — mas está longe de ser uma solução para esse problema.

Os países aqui reunidos — Argentina, Brasil, Colômbia, México, Peru, Uruguai e Venezuela (o Panamá está temporariamente afastado do grupo) — decidiram levar esse recado à reunião anual conjunta do Fundo Monetário Internacional e Banco Mundial, que será iniciada neste fim de semana em Washington. E, paralelamente, resolveram ativar ainda mais o relacionamento entre si, formando um verdadeiro “clube” dos devedores — ainda que essa denominação, admitida nos bastidores, tenha sido prudentemente negada por eles.

Dois iniciativas práticas, no en-

tanto, referendam essa evidência. Segundo um alto funcionário mexicano — numa reunião informal, sob o compromisso de que a identidade da fonte não fosse divulgada —, daqui por diante os países que formam o Grupo dos Oito darão prioridade ao pagamento da dívida intra-regional.

“Em primeiro lugar, trataremos de pagar a dívida que temos uns com os outros. Bancos e governos do Primeiro Mundo virão em segundo lugar”, disse ele.

Além disso, acertou-se uma intensa troca de informações, documentos e assistência permanente por parte dos três mais endividados — Brasil, México e Argentina. Estes países vão procurar transmitir, entre si e aos demais, suas experiências de negociação da dívida. Ao mesmo tempo, se comprometeram a fornecer assistência técnica aos vizinhos, na discussão e condução de assuntos referentes à dívida externa.

“Estamos inquietos — disse a fon-

te mexicana — e vamos manifestar isso com todas as nossas forças”, continuou, acrescentando porém que não se planeja nenhum movimento hostil com relação aos credores.

Ao mesmo tempo em que os ministros da Fazenda do Grupo dos Oito estarão em Washington, na reunião anual conjunta do FMI e Bird, os chanceleres dessas nações se reunirão em Nova Iorque com os seus colegas da Comunidade Econômica Européia. Todos estarão na cidade para participar da Assembléia Geral das Nações Unidas.

Tanto em Washington quanto em Nova Iorque a mensagem será idêntica. Os países endividados dirão que pretendem transformar os anos 90 na década do crescimento. E por isso, já na primeira semana de dezembro eles promoverão no México um seminário específico em que se discutirá o papel que, em sua opinião, o Banco Mundial deverá representar no desenvolvimento da América Latina a partir de 1990.